

Apresentação do dossiê *Marxismo e as Questões Raciais e Étnicas*

O dossiê *Marxismo e as Questões Raciais e Étnicas* foi organizado em uma realidade ainda mais desafiadora do que a que estávamos acostumadas. Em tempos de pandemias e de mudanças climáticas, as temporalidades parecem ter se estreitado ainda mais. E como o presente é sempre o lugar de onde vemos e pinçamos elementos sociais e históricos para observar e transformar nossas realidades, esse dossiê foi pensado a partir das urgências das lutas que enfrentamos.

Desde o nosso tempo, compreendemos que É Tudo pra Ontem, como diz uma canção de Emicida e Gilberto Gil, que conta com um trecho de Ailton Krenak. Por certo, o que o “tudo”, que é pra “ontem”, representa em cada discurso é muito distinto. De nossa parte, contudo, não nos parece que caiba dentro do capitalismo, que se ergueu e se reproduziu sobre os corpos de trabalhadoras, negras e povos originários – uma realidade que se manifesta de forma ainda mais exacerbada com a disseminação global do Coronavírus.

Essa longa história de opressão é também uma história de lutas contra a “invenção” do racismo. Isso aparece em um dos momentos mais emblemáticos dos embates em nosso continente. Derrotado com seus mais de 25 mil homens, Victor Leclerc, emissário de Napoleão Bonaparte a São Domingos (atual Haiti) com a missão de restaurar na ilha o poder do chicote e o desprezo racista, escreveu a seu líder: “(...) Temos, na Europa, uma ideia falsa do país no qual lutamos e dos homens contra os quais lutamos. (...)”.

Esta ilusão ideológica da falsa ideia do outro percebida pelo abatido Leclerc, mostra que o “negro”, o “índigena”, o habitante das antigas colônias, é uma invenção subjetiva funcional às estruturas de poder. Como bem coloca Lélia González (2020), fica em evidência que o racismo também se fundamenta sob uma “ciência” da superioridade

eurocristã (branca e patriarcal), que constituirá o referencial das classificações evolucionistas do positivismo (Gonzalez, 2020. pág. 117).

No Brasil e nas outras repúblicas afro-latino-americanas essa “invenção” dominante sobre o outro, definida desde o sistema colonial escravista, constituiu a base que deu forma às relações de dominação no capitalismo de nossos países. Além de suas leis e suas forças repressivas, a violência capitalista também se manifesta na racialização e sexualização dos corpos obrigados a vender seu tempo e esforço vital. Esta equação, racial e de gênero, sobre os corpos é central na definição dos conflitos de classe reprodutores do perverso sistema de lucros para uns poucos e miséria para a grande maioria.

Isso nos leva à importância das lutas e da memória de Toussaint L’Overture, Christophe e Dessalines, no Haiti, de Tupak Katari e Bertolina Sisa na Bolívia, de Benkos Biojó na Colômbia, de Nanny na Jamaica, de Zumbi e Dandara no Brasil e de tantos outros que lutaram até a morte para não permitirem que seus corpos se tornassem mercadorias.

De sua parte, a teoria e a práxis marxistas não estiveram alheias a essas questões. Se interpretações mecanicistas, brancas e eurocêntricas também se fizeram presentes na trajetória do marxismo, ele não deixou de contribuir para a luta antirracista promovida pelas classes trabalhadoras, refletindo, nos melhores casos, sobre a síntese de múltiplas determinações de raça, gênero e nacionalidade e sobre as organizações das lutas das populações oprimidas.

Nomes como Amílcar Cabral, Thomas Sankara, Frantz Fanon, Agostinho Neto, Eduardo Mondlane, Samora Machel, Winnie Mandela, W. E. B. Du Bois, Huey Newton, Fred Hampton, Angela Davis, Stokely Carmichael, Samir Amin, José Carlos Mariátegui, Clóvis Moura, Lélia González, Eric Williams, C. L. R. James, Walter Rodney, dentre outras e outros, contribuíram nas suas atuações, questionamentos e avanços nesta relação entre marxismo e a questão racial, no âmbito teórico e prático. Também devemos recordar as críticas de Lenin à política pró-colonialista da Segunda Internacional cada vez mais perceptível

com a Primeira Guerra Mundial, sua afirmação de que os negros nos Estados Unidos viviam como uma colônia interna, e o seu incentivo para os comunistas se envolverem nas lutas anticoloniais como parte da construção de uma revolução proletária mundial no âmbito da Terceira Internacional.

No contexto do recrudescimento da luta antirracista na última década e com a crescente presença das filhas e filhos das classes trabalhadoras nas universidades públicas, um interesse crescente e renovado pelas questões raciais e étnicas reemerge no marxismo brasileiro, em suas dimensões acadêmicas e políticas.

Os diversos artigos publicados neste dossiê buscam enfrentar essas questões em suas múltiplas dimensões, lacunas e tensões. Começando pelas intervenções sobre os fundadores do marxismo nessa edição, Vinícius de Oliveira Santos em *O racismo como elemento das relações sociais de produção: subsídios da articulação marxiana* volta-se à crítica da economia política de Marx para refletir sobre o racismo; enquanto Lucas Parreira Álvares busca evidenciar as conexões íntimas entre a acumulação originária e as metafísicas do capitalismo em *O Diabo, a serpente, e outras faces etnológicas na obra de Karl Marx*.

Quanto aos clássicos marxistas, dois artigos tratam da obra de Clóvis Moura e dois outros sobre os trabalhos de José Carlos Mariátegui. Nathan Barbosa dos Santos e Marcela Darido pensam raça, classe e classe em-si e para-si na formação brasileira, a partir da obra de Moura, em *Clóvis Moura e a materialidade da raça na luta de classes*. Por sua vez, *Aspectos da quilombagem intelectual de Clóvis Moura*, de Christian Carlos Rodrigues Ribeiro, tece um diálogo crítico sobre as influências culturalistas e marxistas presentes no livro de Moura *O Preconceito de Cor na Literatura de Cordel*.

Já o artigo de David Cardozo Santiago, *Mariátegui y sus precursores*, explora o vínculo que José Carlos Mariátegui desenvolve com dois de seus mais importantes “precursores” na abordagem da questão indígena no mundo andino: o padre Bartolomé de Las Casas e Manuel González Prada. Por outro lado, Félix Pablo Friggeri, em *Aportes de*

Mariátegui desde la praxis indígena para una comprensión latinoamericana de la lucha de clases reflete sobre as abordagens de Mariátegui para a análise de classe na América Latina, salientando sua relevância para a práxis histórica indígena e as lutas sociais.

Raça e classe tiveram uma dimensão ainda mais proeminente em outras intervenções do dossiê. Vítor de Souza Costa e Gustavo Melo Novais da Encarnação, em *Raça e classe como relações dialeticamente conectadas* buscaram uma perspectiva não hierarquizada desses dois eixos. Eduardo Mara e Túlio Batista mobilizaram as contribuições das referências marxistas brasileiras para pensar a questão no contexto nacional em *A Segunda Abolição: Notas sobre Raça e Classe na Formação Social*. Também dentro do contexto brasileiro, Ana Luiza Passos, discutiu a “institucionalização” da informalidade no conjunto da classe trabalhadora negra e as resistências às precarizações em *Informalidade no Brasil: a sua especificidade racial entre a classe trabalhadora*; enquanto Gustavo Fagundes, em *Relações raciais no Brasil e a superexploração do trabalho*, mobilizou um dos conceitos centrais da Teoria Marxista da Dependência para a reflexão sobre a reprodução histórica do racismo brasileiro. Ainda sobre Brasil, *O legado do sistema colonial escravagista como base para a gênese do sistema capitalista no Brasil*, de Denise Carvalho, tratou da longa história da reprodução do racismo brasileiro e sua imbricação com o capitalismo nacional.

Os artigos do dossiê também buscaram as experiências internacionais. Duas pesquisas sobre a questão racial e a história estadunidense trouxeram importantes e controversos debates políticos. Olivier Maheo, em *“Não há raça na luta de classes”: a esquerda americana e a raça 1920-1950*, tratou das discussões no interior do movimento comunista em torno da interpretação da comunidade negra estadunidense como uma nação oprimida e as reivindicações por autodeterminação. *Violência e/ou não-violência no sucesso do Movimento dos Direitos Civis: o nexó Malcom X-Martin Luther King Jr.*, de August Nimtz, discutiu profundamente uma dimensão negligenciada na história da luta por direitos civis: o papel desempenhado pela violência, ou pela ameaça crível de

violência. Aline Miglioli e Sillas de Castro Ferreira Coelho articularam criticamente uma dimensão fundamental da experiência revolucionária em Cuba, no artigo *Racismo e revolução cubana: contribuições para um debate marxista*. Já a entrevista com Hakim Adi, feita por Selim Nadi e traduzida por Danilo Martuscelli, abordou aspectos da história sobre pan-africanismo e comunismo.

Debates com a psicologia, com o direito e com as teorias decoloniais também aparecem nesta edição. Pablo Biondi, em *Racismo e Sujeito de Direito* reflete sobre as articulações contraditórias do racismo e da igualdade jurídica emergentes na modernidade. Adriana Eiko Matsumoto e Marcos Martins Amaral discutem a dimensão subjetiva da realidade, a partir da Psicologia Sócio-Histórica, no artigo *Psicologia, marxismo, relações raciais e de gênero*. E Jane Barros de Almeida analisa as proximidades e distanciamentos entre o marxismo e a teoria decolonial e suas repercussões políticas em *A dimensão estrutural e estratégica da luta antirracista*.

Na seção das resenhas, Marco Tobón escreve sobre *Small Axe*, a série de Steve McQueen sobre as resistências dos afro-antilhanos na Inglaterra dos anos 1960, 1970 e 1980.

Nos anos calamitosos em que esse número do Cadernos Cemarx foi organizado e publicado, dentre as tantas vidas perdidas estão as de Luiz Fernando Souza Santos e de Marcela Darido. Professor na Universidade Federal do Amazonas, Luiz já havia contribuído com o Cadernos Cemarx, em um número anterior, e tinha planos de escrever para este dossiê. Infelizmente, não pode fazê-lo, mas publicamos nesta edição seu texto *As raízes de uma Manaus sem ar e de vacina para os ricos*, escrito pouco antes de seu falecimento por COVID-19. Dessa maneira, deixamos aqui um abraço e o nosso agradecimento aos familiares e companheiros que viabilizaram a publicação. Em novembro de 2021, fomos ainda surpreendidos por outra trágica notícia: o falecimento de Marcela Darido, mestranda pelo Instituto de Economia da Unicamp, autora, junto a Nathan Barbosa dos Santos do artigo Clóvis Moura e a materialidade da raça na luta de classes,

mencionado acima. Com essas memórias em forma de homenagem às vidas e lutas de Marcela e Luiz, estendemos as nossas condolências à todas as famílias vitimadas pelo vírus e pela negligência do Estado brasileiro.

Desde seu início, esse dossiê foi concebido com a perspectiva de priorizar o protagonismo de pessoas não-brancas, particularmente de grupos racial e etnicamente oprimidos – da organização do dossiê, às autoras, autores e pareceristas.

A arte da capa é de Sabrina Savani (2020). Intitulada O ERÊ, situa a urgência histórica em colagem digital, releitura da obra *O menino*, de Arthur Timotheo da Costa (1917).

Boa leitura!

Agnus Lauriano

Élida Franco

Marco Tobón

Monique Lima

Murillo van der Laan

Cadernos Cemarx
Dossiê Marxismo e as Questões Raciais e Étnicas

ISSN - 1980-2099
2318-065x

Autoras e autores:



Organização:

